

Usuário: a utopia da diferença¹

Davi Junqueira Marin²

Resumo

A questão aqui explorada gira em torno da inversão sobre as origens do uso civil da rede eletrônica, que nasce diante de uma grande promessa utópica. Enquanto metodologia para uma análise semiótica, tangenciando o conceito de pragmatismo de Peirce, revisamos o próprio conceito e origem da palavra utopia, associada à crise do sujeito trazida por Miroslav Milovic, trazendo a hipótese do usuário congregar em sua figura simbólica tanto a crise do sujeito quanto a crise dessa utopia trazida pelas redes, passando-se o tempo de seu lançamento. Assim concluímos que aquela utopia inicial se configura hoje em uma distopia neocolonialista, imitando *modus operandis* passados, sendo revisto apenas seus parâmetros tecnológicos, onde a diferença, antes dada como usuária da utopia, agora é a própria senhora de uma generalizada e corporativista distopia, justificando, dessa forma, a escrita desse artigo.

Palavras-chave:

Usuário; utopia da diferença; quinto poder; dialética da diferença; cibercultura.

Introdução: a colonização corporativa da utopia

Utopia é uma palavra criada por Thomas More, em 1516, que dá título ao seu livro de mesmo nome, *Utopia*, escrito em latim e que faz parte de um projeto de propaganda humanista, em que se fazia necessário discorrer sobre temas centrais daquela construção social, diante da nova cultura capitalista emergente a seu tempo. Utopia seria uma ilha, uma terra insular fantasiosamente localizada no Oceano Atlântico, em algum lugar na costa da América do Sul. Curiosamente, a

¹ Trabalho apresentado no Painel Temático 05 - “Diversidade, desigualdades e vulnerabilidades” do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Mestre e Doutor em Comunicação e Semiótica pelo PPGCOS da PUC Perdizes, em São Paulo - SP.
marin.davi@yahoo.com.br

epistemologia do sul, trazida como tão urgente e necessária por Boaventura de Souza Santos, já tinha sua origem em pleno século tipográfico, no deslanchar da nova tecnologia das linguagens, dos signos, dos sentidos e significados que povoava a Europa e a América do Norte.

Thomas cria a palavra utopia a partir da conexão de um prefixo que significa negação ou inexistência, e da palavra *topos*, que significa lugar, terra. A etimologia do termo, a origem da palavra utopia de Thomas More nos remete à uma origem grega, na antiguidade da filosofia, onde o conceito de utopia traz “o sem lugar”, ou um lugar inexistente, uma terra que não existe. Utopia então é o sonho, o lugar de Peter Pan, o monte Olimpo para os mitos gregos, o lugar ou terra perfeita, a nação idealizada onde a sociedade com sua vontade de bem viver, com seu sonho de igualdade e justiça vence, um espaço então perfeito em suas leis e organização cultural que consegue sua permanência no tempo.

Enquanto projeto epistemológico que busca um pragmatismo, uma pragmática, nos termos de Charles Sanders Pierce (2008), onde o pragmatismo é o poder ou a influência, a capacidade do pensamento em se materializar em ações que de fato transformam a vida e as coisas do mundo, a sociedade e a cultura, a utopia parece ter se encontrado no que hoje chamamos de rede eletrônica, a *internet* com sua *internet* das coisas, e agora com suas inteligências artificiais. A rede é essa terra do nunca, esse lugar que não está em mapa algum, esse território desterritorializado, esse mapa sem referência, esse mundo alienígena, extraterrestre, esse espírito fora do corpo, essa consciência apartada da diferença das leis dos homens, essa possibilidade latente de, enfim, uma utopia.

O conceito, a palavra ou termo utopia se consagra também pelo seu oposto, a distopia, que especialmente a partir da obra de George Orwell, “1984” designa o desvio da cultura, o projeto que deu errado, o tiro que saiu pela culatra, a sociedade que de desviante ou revolucionária se torna reacionária, vigilante e dominadora, opressora.

Assim, como consta no título desse artigo, “utopia da diferença” é um termo de Miroslav Milovic, professor da UnB, publicado na Revista ALCEU, da PUC-Rio, sobre a crise do sujeito contemporâneo. Aqui, para nós, trazemos o usuário como pilar fundamental da constituição do

sujeito, especialmente no que tange às novas gerações. Dessa forma, aqui para nós, a constituição de uma "utopia da diferença" refere-se a um conceito filosófico e político que busca pensar uma sociedade ideal onde a diferença seria valorizada e não suprimida, ao contrário de uma utopia tradicional que muitas vezes busca a uniformidade em nome da harmonia. Esse conceito, influenciado por pensadores como Jacques Derrida, propõe uma "utopia sem o excesso da ausência de diferença", usando a diferença como um pilar fundamental, e não como um problema a ser resolvido. O usuário, enquanto entidade ou objeto de estudo das humanidades, da sociologia, da comunicação ou das semióticas, seria essa possibilidade latente, em que sua corporificação é o seu espaço, onde a utopia finalmente se torna alcançável e tangível. Então, a crise do sujeito estaria de fato na figura simbólica do usuário enquanto igualdade semântica que horizontaliza a todos hoje em dia, uma vez que fazer uso da rede se tornou algo compulsório, obrigatório para a própria sobrevivência dos trabalhos, das necessidades, dos cumprimentos das obrigações todas e para a própria socialização da experiência de se estar vivo em comunidade, em sociedade.

No cerne dessa crise de identidade, onde florescem as bolhas de afinidade (Santaella, 2020) em espécie de busca frenética por essa mesma identidade que parece estar à deriva em busca de sua utopia, estão justamente as *big techs*, que não são a origem dessa terra, que não descobriram esse território, que não são seus habitantes originários, mas que já chegaram para colonizar esse novo planeta, a utopia eletrônica glocal de conexões *real time* (Trivinho, 2012). O idealismo originário, dos povos originários que construíram e habitaram as redes em suas origens, hoje estão sob a ameaça das *big techs* com sua colonização e processos expansionistas, imitando aquela invasão de cinco séculos atrás, quando chegaram no continente que tinha a utopia como sua grande ilha. Os usuários idealistas dessa terra são feitos os povos originários, os indígenas de Pindorama. O Brasil, esse imenso campo de testes para grandes mercados de bens de consumo e para os experimentos da *big techs*, é essa nação eletrônica, essa terra digital chamada utopia que é tão alvejada e buscada por todos, não apenas pelos usuários comuns, outrora excluídos, mas pelos olhos estatelados e esbugalhados do Grande Irmão corporativo, o grande *big tech*, no eterno ano de 1984 que não passa nunca.

Resumindo, as *big techs* chegaram para colonizar esse novo planeta, imitando a invasão de cinco séculos atrás. Os usuários idealistas tornaram-se os povos originários dessa terra digital, sob ameaça de expansionismo corporativo e processos de dominação. O Brasil é campo de testes consagrado pelo mercado dessas mesmas *big techs*, tanto para equipamentos hardware quanto para fornecimento de softwares e *know how* para a rede eletrônica, sem maiores filtros nacionalistas como se faz no extremo oriente, em países como a china, por exemplo. Assim, enquanto grande mercado para experimentos das *big techs* — essa nação eletrônica chamada utopia — os usuários disputam, nessa terra utópica, o poder (a verdade sobre a narrativa). Esses usuários são tanto corporativos quanto qualquer cidadão civil na disputa pelo uso de uma mesma rede.

Decolonialidade: a epistemologia do sul em teste

O que a rede eletrônica traz, esse ambiente que não está nos mapas porque ameaça unir todas as fronteiras em um único globo sem fronteiras definidas, liquefazendo o percurso histórico humano, de confecção das tecituras culturais e sociais como sempre se herdou de eras em eras e de geração em geração, se vê hoje em outra tapeçaria, outras estradas onde já não se conhecem as linhas que trançam esse tecido, já não se sabe com certeza que pavimento é esse em que estamos pisando e circulando. A revolução é científica, é tecnológica, mas é também na base da estrutura, a filosofia, que hoje corre para conseguir acertar seu passo pragmático. A prática está na frente dos bois, touros que puxavam e empurravam o carro da civilização desde os gregos antigos. A semiótica está suando a camisa da mesma forma, diante da galáxia de sensibilidade e objetos e usuários igualmente sensíveis, signos que se confundem na miríade selvagem e diversa que estão do outro lado das telas, a comunidade de usuários. Aceleração dos tempos, a sensibilidade, de solução, também se transmuta em problema. A sensibilidade, ela mesma, compõe hoje tanto a desterritorialização da utopia quanto a recomposição de fronteiras distópicas.

A epistemologia do sul — em conceito inaugurado por Boaventura de Souza Santos — que brota da pragmática de pensamentos não pensados, está em teste no Brasil. A onda para uma decolonialidade é uma onda que pode fazer rever estruturas filosóficas de décadas, de séculos e

até mesmo de milênios. O grande outro que serviu de base para a hermenêutica e que na virada semiótica é feito de sentidos e sensibilidades, da mesma forma não passa de um esquadramento que define formas de dominação e poderes sobre esses mesmos outros que sempre se supôs saber algo, como que da esfera do coletivo absoluto, a massa que sempre supomos conhecer tanto quanto um médico cirurgião que manipula seu bisturi e define aquele corte preciso naquele corpo. E chamamos isso de intimidade.

A identidade é a linguagem do sujeito. E suas relações definem sua linguagem. Somos linguagem. Nossas relações são formas de diálogo. Nosso corpo fala, com o explora Santaella, nosso espírito conversa, nossas almas estão comunicando o tempo todo, ainda que imperceptivelmente. Essa conversa, hoje, essa composição identitária, hoje, está pelas redes, em rede, em interações coletivas humanas e não humanas, sob outros governos que por vezes escapam ao controle parental familiar ou comunitário, social, cultural de cada espaço, alternando relações temporais entre diferentes territórios e culturas, nações, etnias. Assim, como discorre Milovic a partir de filósofos como Derrida e Kant, em citação a seguir, a utopia da diferença que trazemos aqui para as relações da rede com seus usuários, está sob um balanço ontológico, que sacode as tradições da formação epistêmico-pragmática da identidade do sujeito do antropoceno, o usuário de universos *on line*, digitais eletrônicos.

O que é importante para Derrida, nesse contexto inicial, é que a questão sobre a consciência, nem para Kant, nem para Husserl, ficou ligada com a problemática da linguagem. A linguagem chega tarde para quase toda a história da filosofia. Isso é o que Derrida quer questionar, mostrando que a linguagem está no centro da estrutura da consciência. As condições transcendentais da consciência não podem ser articuladas sem a linguagem. Os signos linguísticos referem-se aos objetos ausentes. A consciência, por um lado, precisa da síntese dos dados diferentes e a síntese, por outro, precisa dos signos, precisa de algo que vai ocupar o lugar dos objetos ausentes. Assim, a linguagem é a condição da síntese na consciência. A consciência é sempre a relação com algo diferente, com a linguagem. A consciência é mediada pela linguagem e, por causa disso, não podemos falar sobre a subjetividade constitutiva. A identidade é sempre mediada pela diferença. Aqui temos o início do projeto derridiano de gramatologia. O que agora existe são apenas os signos ou, melhor dizendo, pegadas, porque Derrida, com essa ideia da linguagem, não quer criar o novo lugar da condição transcendental. A subjetividade e outros lugares privilegiados do pensamento tradicional têm de ser desconstruídos. A metafísica que pensa a identidade – ou a

metafísica da presença – tem que ser superada pelo pensamento da diferença.
(Milovic, 2006, p. 276)

Somando-nos ao pensamento de Milovic, onde está a diferença que deve superar a tradicional metafísica tradicional na composição da identidade? Com certeza nos resta o fundo ontológico da linguagem, hoje traduzida em informação eletrônica, digital. Mas e quando a linguagem também se horizontaliza, se homogeneíza, em aparente unificação de identidades e consciências, homogeneizando comportamentos inconscientes, nas bolhas de afinidade? A utopia de antes, utopia de tantas outras diferenças, era uma utopia de liberdade, inclusive de linguagem, talvez um último reduto metafísico que permitia a diferença e constituía a identidade cada um, como coloca Milovic. Mas o que fazer com essa utopia, dessa grande diferença que é o capital *big tech*?

Assim feito sua rede que dele faz uso e que da mesma forma ele a usurpa, o usuário é também hoje uma nova e grande entidade sem controle, sem fronteira. Seu corpo já não possui uma forma definida. Suas águas, seus fluídos, se esparramam por uma pele que já não existe feito os territórios demarcados pelas fronteiras das nações, dos estados, das regiões, das localidades, dos condados, dos municípios, dos distritos. Nem sequer dos continentes. *A pele da cultura* de Derrick de Kerckhove (1997) hoje é, todavia, uma pele, pala lembrarmos de Zygmunt Baumann (2001), mas uma pele líquida, liquefeita, difusa, desmanchada no ar. Os corpos vão às academias malhar, suar, sofrer por estarem gordos ou se envaidecerem por estarem em forma, mas suas peles já não estão mais ali, aos olhos do espelho que envelheceu, que já se foi. Já não existe espelho que dê conta de refletir toda a gama possível dessas peles, a pele do usuário que já busca sua utopia sem pedir licença para filósofos, para políticos, para empresas, para sua própria família ou para os políticos que elegem. Corpos líquidos. Peles difusas. É a pele líquida de Baumann — difusa, desmanchada no ar, refletida em infinitas bolhas de afinidade.

A própria rede em si, feita de uma diferença que está usuária, uma diferença que é o usuário em sua relação de uso de um dispositivo eletrônico em rede, materialização de uma identidade a partir de um uso epistêmico na relação de sua identidade com essa rede, mediatiza as consciências ou hiper mediatiza o inconsciente, na relação da rede com cada usuário em que também se estabelecem outras diferenças, na borda do infinito, a contarmos todas as bolhas de afinidades que hoje são

possíveis. Da mesma possibilidade utópica, o risco da distopia é igualmente presente na relação entre as diferenças. Mas no constante embate dialético e atento, reside novamente a utopia de um entendimento e de uma revolução nas velocidades para esses entendimentos. A tão aclamada epistemologia do sul, nos termos trazidos por Boaventura de Souza Santos, é uma onda que pode rever estruturas filosóficas de séculos e milênios, questionando formas de dominação e poder sobre o "outro".

Assim temos que a rede hoje é terra desterritorializada, pátria dos excluídos, a partir de nossa exploração sobre como a internet materializa o conceito utópico de Thomas More, transformando-se, na mesma esfera, tanto em espaço de emancipação, quanto de colonização corporativa e resistência digital, tudo isso na representação figurada, simbólica ou não, da *persona* **usuário**, o cidadão sem pátria, o excluído ou expatriado. A internet é essa utopia eletrônica – um território sem fronteiras, um mapa sem referência, um mundo alienígena onde a consciência se liberta das leis territoriais tradicionais. Sem mapa, esse território desterritorializado escapa às demarcações convencionais. Sem fronteiras, a consciência parece estar apartada das diferenças legais e geográficas dos homens.

Para nós, aqui, a cibercultura, na pele eletrônica digital da internet, das redes, é o objeto encarnado de que fala Miroslav Milovic, em seu texto “A utopia da diferença”, de 2006. Nesse texto, um artigo publicado pela Revista ALCEU, uma revista de comunicação, política e cultura do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, a PUC Rio, o professor da Universidade de Brasília debate o conceito da diferença em confrontação com o conceito de identidade da filosofia tradicional e moderna, colocando Heidegger de frente com Nietzsche.

A partir desse debate enquanto alicerce teórico, juntamente com os conceitos peirceanos de pragmática, termos da comunicação de Lúcia Santaella e reflexões sobre o poder com Byung-Chul-Han, vamos entornar o caldo onde o sujeito em relação com os outros ou simplesmente a ideia de um outro buscam equivalência na ideia simbólica de usuário, que congrega tanto o excluído quanto o sujeito de poder, tanto o popular anônimo, o povo, quanto o popular famoso,

amalgamando o que Marin chama de “quinto poder” (2021). Assim, aqui, usuário está no balanço da tese de Michel Foucault, em sua *Microfísica do Poder* (2018), quando diz que ninguém sabe ao certo o que é o poder, mas todos sabem quem o exerce.

O Grande Outro: promessas quebradas, ciclos repetidos

A crise do sujeito trazida por filósofos da envergadura de Heidegger ou mesmo Nietzsche, trabalhados por autores como Miroslav Milovic (2006) e Byung-Chul Han (2017; 2018; 2019; 2019a; 2019b), talvez tenha sido uma crise sobre uma ausência que caracterizava um processo comunicativo de mão única, desde a revolução gutenberguiana até pouco tempo, ao longo do século analógico, o século XX, em que o processo tecno midiático falava sozinho. A recepção, a audiência, a massa, em sua coletividade, era algo como que um grande espectro ausente, um grande espectro de ausência, muito mais que uma sensível ou sentida presença de força.

Nesse presente ensaio, a crise está na criação das bolhas de afinidade, onde, em nossa hipótese, residiria a deriva de uma busca pela própria identidade em função justamente da ausência desse chão utópico, que, na retomada das redes pelas corporações, governando vidas e almas através de programações algorítmicas, estaria condenando a sociedade à uma estranha ultra positividade, na manutenção de uma luz opaca que já não suporta, justamente, a diferença do outro, a diversidade, no que assistimos hoje na chamada ascensão da extrema direita, com novas formas de fascismos em conexão íntima com o uso dessa mesmas redes tecnológicas que antes foram caminhos para uma costura de esperança, de utopia de outras diferenças, e não dessa grande diferença corporativista que domina a todos.

Contudo, ficou ainda aberta a pergunta se essa saída para a diferença, se essa crítica importante da identidade tradicional e moderna é, ao mesmo tempo, a abertura para os Outros e, por consequência, para o social e a política. A diferença inclui o Outro? A questão sobre os Outros é uma questão séria e poderia ser o critério para repensar a tradição filosófica e se perguntar sobre a exclusão dos Outros que nela acontece. (...) Os Outros podem ser pensados só a partir do sujeito e de sua reflexão. O sujeito é ainda a condição para pensar os Outros. A aparição autêntica dos Outros é, dessa maneira, um projeto impossível para a filosofia,

pelo menos para a filosofia moderna. Claro que outras dúvidas podem surgir. Como pensar, por exemplo, o social, a política e a democracia onde os Outros não podem aparecer? (Milovic, 2006, p. 275)

A diferença que era a base da utopia, hoje é a grande diferença de quem ninguém escapa, e que, aos poucos, vai ganhando corpo de unanimidade positivista, polida e opaca, no brilho da mesmice, como explora Han, atando qualquer movimento crítico, então visto como algo a ser expurgado, curado, expulso.

Mas hoje, com a popularização do instrumento narrativo em mãos populares, com o nascimento de narradores audientes (Marin, 2019), a opinião volta a aparecer, o indivíduo renasce em sua própria opinião, relatando a si mesmo, se expondo inclusive violentamente, de forma agressiva, buscando uma espécie de politização de última hora, uma política do desespero diante de crises intermináveis, crises climáticas e ambientais, crises sociais e econômicas, crises políticas.

Do Espectador à Voz Ativa

A crise do sujeito era ausência em processo comunicativo de mão única. Hoje, com narrativas em mãos populares, nasce o narrador audiente (Marin, 2019). O indivíduo renasce em rede, emitindo seu sinal, crendo-se senhor de seu destino. Surgem bolhas de afinidade que se politizam, derrubam governos e reorganizam estruturas. A crise do sujeito (Miroslav Milovic) se transforma na crise de sua própria representação, onde todos se representam a partir de uma mesma diferença compartilhada, a rede eletrônica, utopia compulsória e única possibilidade de fuga e resistência. É a representação de si mesmo na crítica da violência ética (Judith Butler).

É quando surgem grandes movimentos utópicos, que por hora já sentimos passados, sufocados. Primavera árabe, *black blocks* ou os *black lives matter*, são jovens frutos de uma geração analógica e que crescem com *blogs*, *Orkut*, *internet* discada barulhenta — cheia de promessas que estampavam sorrisos e esperanças.

Poucos anos depois, estamos com uma juventude que já nasceu eletrônica, crescendo com tudo isso à mão. Uma geração digital cuja norma é a aceleração eletrônica, trazendo desesperança e a *uberização* do trabalho, a Inteligência Artificial como pensamento sem corpo, pegando carona na fé ferida de usuários e em todos os trabalhos intelectuais e artísticos, e mesmo burocráticos, já feitos até aqui.

Ainda assim, o indivíduo que renasce em rede, renasce com as mãos em uma utopia que ele agora vê e crê possível, pois emite seu sinal e narra a si mesmo. Sua narrativa está alforriada, livre, em suas próprias mãos, e ele agora crê possível ser senhor de seu próprio destino. Nesse caldo de fé, crença e empoderamentos de toda diferença possível, surge uma nova dialética, uma dialética onde a massa é tão diversa quanto aqueles emissores de outrora, uma massa tão diversa mas que já nem tão dispersa: eles se unem em bolhas de afinidade (Santaella, 2019), se organizam e, assim como grupos de consumo de determinados hábitos ou produtos, eles também se politizam e derrubam governos – a exemplo dos *black blocs* e da Primavera Árabe – organizam novos partidos políticos, incluem seus iguais e seus patrícios. Temos então uma multi ética, uma pluri ética, uma espiral que congrega tantos processos dialéticos possíveis.

Em países como o Brasil, estamos assistindo o nascimento de uma inclusão histórica, em que representantes dos povos originários estão sendo eleitos para a Academia Brasileira de Letras, a exemplo de Ayrton Krenak, que da mesma forma figura entre outros nomes de outras etnias e que igualmente estão demarcando esse novo momento, dessa nova utopia da diferença que parece insistir desde a utopia originária das redes da virada do milênio. A rede naqueles anos não existia na base de *big techs*, mas na base de projetos utópicos de jovens idealistas, que perduram até hoje em projetos como os da Fundação Mozilla – entre outros – com seus navegadores e motores de busca, a exemplo do *Firefox* ou do *Opera*. Sistemas operacionais e programas de edição de toda sorte pululam nas redes como forma de distribuição de acesso à nova forma e meio de produção, que está na rede, em rede, revisitando modas socialistas, mantendo no topo da onda nomes como Karl Marx. Na era da produção de riqueza digital, de produtos eletrônicos ou digitais, os meios de produção estão sendo compartilhados e distribuídos mais rápido que nunca, em velocidade nunca antes percebidas. O que vemos é o que autores nomeiam como aceleracionismo marxista, onde a

utopia e o idealismo não apenas dos jovens, mas até mesmo de empresas que já abraçam outras causas dão as mãos à voracidade das corporações na velocidade de organização dos usuários na distribuição eletrônica de saberes e conhecimentos, técnicas e meios de produção.

A consequência dessa origem digital eletrônica que já avança como se tivessem se passado duzentos anos em vinte, é de ordem filosófica também, e não apenas pragmática. A utopia da diferença é uma utopia para a filosofia, antes de mais nada. É uma utopia epistemológica, tanto filosófica quanto pragmática. Utopia porque, ontologicamente, o espírito humano não se resolveu diante dessa vontade de utopia.

Mas a questão que precisa ser buscada está agora justamente no pragmatismo das redes que parecem ter nascido antes do pensamento que ela carrega. A pragmática do universo digital eletrônico está antes, e é mais veloz para ser exposta e refletida em academicismos do que a tradição filosófica consegue. A rede traz uma nova possibilidade de filosofia, próxima àquela origem gregária de séculos atrás, mas com a diferença de suas diferenças. A gama de sua riqueza e suas variantes sociais, coletivas, individuais, a gama diferente de tantas diferenças é o que estabelece uma não fronteira para uma nova realidade para se fazer filosofia, para se entender o coletivo e o sujeito, as relações com os outros, para se explicitar o outro depois dessa ausência e dessa exclusão histórica, mesmo filosófica eurocêntrica que se arrasta pelo século XX.

Naqueles tempos de origens da filosofia na Grécia, estoicos conviviam com platônicos, com aristotélicos, com socráticos, com epicuristas. Mas que era de fato o outro, o comum, o ordinário, o poder, o espírito, a consciência, o inconsciente? A soma das partes sempre será maior que o todo, como postula a matemática. Mas nunca se foi tão possível de contatar essa soma, esse todo, como agora. Se aglutinavam em pensamentos que se supunham verdadeiros sobre a totalidade humana, a totalidade e a veracidade social da cultura, condicionando o espectro do espírito humano de acordo com as caixas da filosofia. Ed e fato tudo nos orientou e, todavia, orienta, verdades clássicas do pensamento e do espírito, da consciência, mas que sempre esbarrou no processo dialético das lutas de classes, algo que se começa a resolver muito tardiamente na filosofia, apenas a partir do século XIX, com o advento marxista. Mas e agora? Agora o *narrador audiente* de si que encarna

na massa, mas não de forma homogênea, mas diversa, sempre possível de ser diferente, constrói sua utopia de próprio punho e busca, na diferença, uma utopia possível, e não apenas na igualdade, no mesmo, no igual, no semelhante, mas justamente na diferença é que se pode buscar, hoje a construção de uma utopia possível. Quiçá, como talvez deveríamos de ter havido tentar, desde sempre, construir uma utopia apenas a partir das diferenças. Uma utopia, uma epistemologia dos povos originários, dos afro descendentes, das comunidades das siglas LGBTQIPNA+ e etc., dos andarilhos e mendigos, dos bêbados e boêmios, dos artistas que definem partidos políticos. É preciso que se reconheça que isso já está acontecendo, para que se revigorem as buscas e as construções. Agora nos parece mais plausível talvez, mais justo e humano, e sobretudo possível, que se construa e se busque a utopia justamente do diferente, nas diferenças e a partir delas mais que nas semelhanças., nas igualdades. Que busquemos equalizações sociais, igualdade de classe e de gênero, que busquemos igualitarismos de toda ordem, mas que reparemos e continuemos a perceber, contudo, que a utopia está muito mais na manutenção das diferenças que em sua pasteurização e homogeneização, que por vezes nos parecem querer trazer certas narrativas.

Na diferença, encarnada na figura tanto do usuário quanto da própria rede em abstração algorítmica, estão também as *big techs* e grandes figuras, entidades sistêmicas ou corporativas, empresariais, e grandes vultos humanos como personalidades políticas, como Donald Trump ou Elon Musk, para pontuarmos apenas duas das mais recentes celebridades do neoliberalismo. Pessoas que centralizam para si a ausência da figura mitológica que autorreferencia um povo ou uma cultura – como fez Bolsonaro recentemente justamente se autoproclamando “o mito” – tem enorme capacidade de organização carismática e ideológica em rede, assim como qualquer outro usuário.

De forma que a diferença carrega para a si a utopia, mas também traz em seu bojo o risco de uma distopia, na mesma corrente e com a mesma força da luz utópica, ainda que uma luz protopática, na grandeza de um instrumento rudimentar, eletrônica, digital artificial que seja. Mas essa luz também nasce para todos, e, invertido o processo da formação dos estados nacionais, os *well fare states* que vem na esteira das grandes navegações, do Iluminismo, do Renascentismo e das Revoluções Industriais, hoje o capitalismo se vangloria de ser cria de sua própria democracia.

Hoje, a democracia é a mãe do capitalismo. Ela cuida de seus filhos. Isso pode soar utópico para alguns, mas é a encarnação da distopia para outros. *Vice-versa*, a rede é novo espírito que exhibe a possibilidade do exercício de um livre arbítrio que nos parecia perdido junto com as identidades do sujeito e das utopias mortas no pós-guerra, desde a segunda metade do século XX.

Assim como postula Milovic, “a subjetividade e outros lugares privilegiados do pensamento tradicional têm de ser desconstruídos. A metafísica que pensa a identidade – ou a metafísica da presença – tem que ser superada pelo pensamento da diferença. (...) a diferença dentro do ser”. (Milovic, 2006, p. 276)

O significado é o conceito para ser articulado e o significante é a possibilidade de fazer isso, utilizando, por exemplo, a voz ou a escrita. (...) Nenhum significante pode ocupar o lugar do significado. O que acontece no mundo são só as manifestações dos significantes que passam, as manifestações do significado dominante. (...) Derrida dirá, como na discussão sobre a linguagem e a consciência, que o significado, o idêntico, sempre tem de ser mediado pelo significante, pelo diferente. Aqui Derrida, além de tratar da marginalização da linguagem e da natureza metafísica da própria linguagem, fará uma diferença importante dentro do próprio significante. É a diferença agora entre a voz e a escrita. A filosofia – pensa ele – sempre afirmava a primazia da voz. A voz parecia mais próxima ao espiritual. E a própria voz tem algo dessa perspectiva metafísica. A voz é quase a ilustração do tempo linear na metafísica tradicional. Ela mesma é linear; nela nós não podemos voltar atrás. (...) Os fundamentos assimilam a diferença e a hermenêutica fica dentro da metafísica. Ela é ainda a afirmação do mesmo – ou como Derrida fala – da vontade do mesmo de se realizar no Outro. (Milovic, 2006, p. 277)

A rede enquanto utopia para ela mesma, na híbrida rede trançada entre usuários algorítmicos, usuários fantasmas, mas sobretudo, na manutenção de sua utopia original, usuários físicos, reais, de carne e osso. Na crise identitária do sujeito na contemporaneidade, crise que se estabelece justamente pela exclusão do outro, do sujeito que somos nós todos em comunhão, inconsciente coletivo, ancestralidade sagrada que nos une em sua unidade, a rede surge para explicitar, novamente, aquele outro que estava ausente, fragmentado. A rede está juntando os cacos do século XX, os cacos analógicos do rádio, da televisão e do cinema, os cacos tipográficos.

Conclusão: dialética da diferença e distopia

“A desconstrução é o projeto do impossível.” (Milovic, 2006, p. 278)

Utopia é possibilidade de entendimento e revolução nas velocidades de comunicação. A distopia está no risco igualmente presente na relação entre diferenças e poderes corporativos. O embate dialético se constitui no constante confronto atento dos usuários, nesse espaço glocal de conexões eletrônicas onde reside novamente a utopia de um entendimento renovado.

A fronteira que não precisava existir mais é a fronteira definida pelas *big techs*, uma fronteira que não existia no início, no nascimento que as gerações mais velhas testemunharam e viram nascer, hoje já incorporadas no DNA das crianças e dos jovens. A geração dos *blogs*, do *ICQ*, do *Orkut* antes do *Facebook*, do IG, do nascimento da UOL (Universo on-line), do BOL (Brasil on-line) e a da AOL (America on-line). Eram tempos de *internet* discada, barulhenta, mas cheia de promessas que estampavam sorrisos e esperanças pelas faces, e não alternativas de mão única como hoje nos apresentam a uberização dos trabalhos trazidas pelas palavras de Tom Slee (2019).

A aceleração do eletrônico trouxe consigo a aceleração também da desesperança sobre uma utopia possível. No rompimento das promessas de uma geração a outra, de uma tecnologia a outra, enquanto *modus operandi* do sistema capitalista que emerge da tipografia, hoje temos dentro da evolução digital eletrônica as promessas de riqueza e emancipação trazidas pela terra eletrônica que se repetem no nascimento da inteligência dessa mesma terra utópica. É a genética da inteligência artificial que é esse pensamento sem corpo, fruto de uma terra inexistente e sem fronteiras, pegando carona na fé e na crença dessa massa de usuários que já trabalham para pagar a parcela dos *smartphones* em um mundo onde ninguém consegue nada sem ter uma conexão à essa mesma terra utópica, sem estar conectado ou condicionado ao pensamento utópico que se trasveste de inteligência artificial.

A utopia é mesmo a pele e a terra inexistente onde passam a habitar as distopias de si mesma, e, da mesma forma que se constrói uma utopia no corpo e na mente dos usuários, se constrói sua própria ruína, usuários simbólicos, algoritmização e plataformização da cultura, *big techs*, símbolos de uma decadência social, ambiental e climática, usuários de uma distopia concreta e bem definida, com fronteiras palpáveis e bem visíveis.

A utopia da diferença então se materializa não na terra sem fronteiras da ilha de Thomas More, nos mapas sem fronteiras que é a *world wide web*, mas no corpo que sangra sua própria distopia, a base de sua crença ferida, de sua fé mal paga e sofrida em nome de um Deus transmutado em rede viva que pulsa de dentro para fora de cabos, satélites e dispositivos eletrônicos feitos de plástico. A utopia da diferença, vista assim, é uma obrigação, uma opção compulsória, um constante “se ficar o bicho come, se correr o bicho pega”. Mas buscando uma comparação aos raciocínios de Han, já não existe a diferença entre o bicho e nós: habitamos todos a mesma utopia da diferença. Somos todos o mesmo usuário.

Nesse contexto onde a utopia de cada um corre o risco de não passar de esquadrinhamento que define dominação, a intimidade passa a ser um conhecimento presumido do coletivo absolutamente controlado pela corporação dos algoritmos *big techs*.

Coletivamente nos tornamos um paradoxo, onde toda utopia é uma utopia da mesma vontade de vencer sobre o outro, que já não se sabe quem ou o que é. Somos todos usuários de uma utopia que é, simultaneamente, nossa libertação e nossa prisão. A vontade de vencer a diferença que somos ou a diferença que nos mantém na diferença, acaba, por fim, nos uniformizando a todos. O que era diferença acaba, enfim, se horizontalizando no compartilhamento de uma mesma utopia, a esfera digital, o belo liso, polido e artificial eletrônico. ■

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

KERCKHOVE, Derrick de. **A pele da cultura**. Lisboa: Relógio d'água, 1997.

MARIN, Davi Junqueira. **A Galáxia de Zuckerberg – e a formação do narrador eletrônico**. Araraquara: Junqueira&Marin Editores, 2019.

MARIN, Davi Junqueira. **A esfera simbólica do quinto poder**. Anais: XIV Simpósio Nacional da ABCiber, 2021.

MILOVIC, Miroslav. **A utopia da diferença**. Revista ALCEU - v.7 - n.13 - p. 274 a 283 - jul./dez. 2006.

PIERCE, Charles Sanders. **Ilustrações da Lógica da Ciência**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2020.

SLEE, Tom. **Uberização – a nova onda do trabalho precarizado**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

TRIVINHO, Eugênio. **Glocal: visibilidade midiática, imaginário bunker e existência em tempo real**. São Paulo: Annablume, 2012.